

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA  
E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO

IVÂNIA MARQUES

**POEME-SE**

HORTOLÂNDIA  
2024

IVÂNIA MARQUES

**POEME-SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Hortolândia.

Professora Orientadora: Dra. Davina Marques.

Hortolândia

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
Biblioteca IFSP – Câmpus Hortolândia  
Saulo Campos Oliveira  
CRB8%8020

Marques, Ivânia.

M357p Poeme-se./ Ivânia Marques.–2024.  
60 f. il.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, Hortolândia, SP, 2024.  
Orientador(a): Davina Marques.  
  
1. Literatura. 2. Poesia 3. Filosofia. 4. Leituras. 5. Experienciar.  
I. Orientadora Davina Marques. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. III. Título.

CDD- 869.3

Ivânia Marques

**POEME-SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Hortolândia.

Professora Orientadora: Dra. Davina Marques.

Aprovado pela banca examinadora em 27/09/2024

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Marcus Pereira Novaes

---

Prof. Dr. Gabriel Leopoldino dos Santos

---

Profa. Dra. Davina Marques (orientadora)

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho aos amantes da Literatura e Línguas,  
especialmente às crianças.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimento especial, com admiração, à generosidade, aos saberes, à paixão pela Literatura e à escuta sem fim da minha orientadora Davina Marques.

Agradeço a artistas escritoras/escritores que nos alimentam as almas.

Ao IFSP e à equipe da Pós-Graduação pela oportunidade de aprofundar conhecimentos e demonstrar amor pelas Literaturas e pelas Línguas.

Agradeço a minha família que sempre me apoiou nesta difícil arte de ser professora.

## EPÍGRAFE

*“[...] inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos,  
divertidos,  
inclusive prazerosos”*

Ailton Krenak

## RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar um ensaio como Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Hortolândia. Além desse ensaio, introduzimos questões levantadas em dois artigos submetidos a publicação na área e que, por motivos alheios à nossa vontade, ainda não foram publicados. O primeiro deles foi fruto de apresentação em um congresso do GT Deleuze & Guattari, da Associação de Pós-Graduação em Filosofia, em maio de 2023. O segundo foi em resposta a uma chamada de um periódico da Educação, em que se prepara um dossiê cuja publicação deveria ter acontecido no primeiro semestre de 2024. Aqui, além das discussões apresentadas nessas duas submissões, trazemos o ensaio Poeme-se, que objetiva problematizar questões relacionadas à formação docente, em especial nas implicações desta com o ensino e o trabalho com a literatura na educação básica. Nesse sentido, amplia-se o debate através da reflexão sobre a trajetória acadêmica e os desdobramentos de trabalhos por projetos. Atravessados pela filosofia contemporânea de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e por teóricos e críticos da literatura, como Antônio Cândido, tecemos nossas considerações.

**Palavras-Chave:** Poesia; Filosofia; Leituras; Experienciar.

## ABSTRACT

This paper presents an essay as the final production in the course Pós-Graduação em Ensino de Línguas e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Hortolândia. As an introduction, we raise issues presented in two articles submitted to journals in the field of Languages and Education, which have not been published yet. The first one was the result of a presentation at the conference organized by the research group Deleuze & Guattari, from the Association of Post-Graduation in Philosophy, in May 2023. The second one was a response to an open call by a journal in Education, to be included in a dossier supposed to be published in the first semester of 2024. In addition to these discussions, we include the essay Poem Yourself, which aims to address topics in teacher training, particularly the implications arising from teaching languages and working with literature in basic education. Therefore, the debate expands to issues of teacher education and the implications of the work with projects. Our considerations are trespassed by the contemporary philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari, and by theorists and critics of literature, such as Antônio Candido.

**Keywords:** Poetry; Philosophy; Reading; Experiencing.

## **LISTA DE FIGURAS**

- Figuras 01 a 03 – Explorando poemas. p. 23
- Figuras 04 a 06 – Compartilhando poemas. p. 24-25
- Figuras 07 a 27 – Calendário 2011. p. 34-53

## **SUMÁRIO**

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>p. 12</b>
<b>ENTRE MOVIMENTOS POLÍTICOS E ESCRITAS MENORES</b>	<b>p. 14</b>
<b>EM BUSCA DE PARAQUEDAS COLORIDOS</b>	<b>p. 17</b>
<b>POEME-SE</b>	<b>p. 19</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>p. 55</b>
<b>APÊNDICE 01</b>	<b>p. 57</b>
<b>APÊNDICE 02</b>	<b>p. 59</b>

## APRESENTAÇÃO

No ano em que completei as disciplinas obrigatórias do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Línguas e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, do Câmpus Hortolândia, assumi o compromisso, com minha orientadora, de apresentar, como Trabalho de Conclusão de Curso, um artigo publicado segundo as normas do nosso Projeto Pedagógico. No entanto, apesar de ter participado de eventos com apresentação de trabalhos e de ter-me sido oferecida a possibilidade de publicação desses, os textos submetidos ainda não tiveram sua efetiva publicação. Neste documento, organizo teoricamente esses trabalhos, enquanto aguardo o resultado desses esforços.

O primeiro movimento de organização teórica do que aprendi no nosso Curso foi a participação no 23º Congresso de Leitura do Brasil (23º COLE), com o trabalho intitulado Janelas do Caos<sup>1</sup>. O evento aconteceu no período de 07 a 10 de fevereiro de 2023, com submissão no ano anterior. Nesse trabalho, discuti uma experiência em um Clube de Leitura, sob coordenação de Manuela d'Ávila, com os temas ‘Autoras africanas que você precisa conhecer’ e ‘Para ler e ir além das fronteiras’.

Na apresentação desse trabalho, discuti a literatura como marca de resistência e de criatividade diante do caos. Lembrei a maneira como, em meio à pandemia, fomos instigados a ‘abrir janelas’. Estávamos mergulhados no caos. Observei então como a literatura possibilitou e possibilita desvios. Leituras de obras de protagonistas mulheres e de escritoras fora do cânone habitual abriram-me janelas: para o caos diante da leitura; para entendê-la como resistência a partir da força de cada protagonista; e para re-criar e entender nossas semelhanças e diferenças como mulheres. As verdades múltiplas de distintos países e de autoras singulares remeteram-me à ideia de imanência, tão cara a Gilles Deleuze e Félix Guattari. Aqui pensei o período de leitura como busca de um mínimo de ordem diante do caos, mesmo sabendo que não há domínio do caos e que é impossível vencê-lo. Constatei que precisamos da escrita das mulheres, precisamos de protagonistas mulheres e da filosofia para imaginar outros futuros. Educação e esperança.

Esse trabalho não foi redigido como texto. Parte dessa discussão foi apresentada, de forma articulada com experiências de trabalho no IX Encontro do GT Deleuze/Guattari, que aconteceu entre os dias 17 a 20 de outubro de 2023 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Campus Maracanã, Rio de Janeiro, cujo tema era

---

<sup>1</sup> Veja a publicação em *Programação e Caderno de Resumos*, p. 127-128, disponível em: [https://issuu.com/nelfremi/docs/23\\_cole\\_caderno\\_de\\_resumos](https://issuu.com/nelfremi/docs/23_cole_caderno_de_resumos).

Arte e Política. Esse trabalho – *Entre movimentos políticos e escritas menores*, escrito com minha orientadora – será brevemente comentado no capítulo com título homônimo. Esse texto está aprovado para publicação e tinha previsão para o primeiro semestre deste ano.

Em seguida, apresentaremos a problematização do trabalho *Em busca de paraquedas coloridos*, também com coautoria de minha orientadora. Submetido como parte de um dossiê com intenção de publicação no primeiro semestre de 2024, também está atrasado e ainda aguardamos sua avaliação por pares.

O último capítulo é o ensaio produzido como teorização de experiências de trabalho com literatura e seus desdobramentos. Funciona, assim entendemos, como considerações finais de um percurso de estudos na sua relação com minha atividade docente.

Como parte das referências dos trabalhos não publicados não estão devidamente citados nesta produção, optamos por incluir no final deste trabalho dois Apêndices, um dedicado a cada produção realizada.

## ENTRE MOVIMENTOS POLÍTICOS E ESCRITAS MENORES

Este capítulo faz referência a um trabalho apresentado no IX Encontro do GT Deleuze/Guattari. Esse GT é da ANPOF – Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, e estuda e problematiza temas caros às obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Com o tema Arte e Política, o encontro foi gravado e a nossa apresentação está disponível para consulta on-line<sup>2</sup>.

O texto foi escrito e submetido para um periódico da área de Letras e aguarda publicação, portanto não podemos transcrevê-lo aqui nem darmos notícias do seu conteúdo completo por escrito<sup>3</sup>.

Podemos, no entanto, apresentar algumas linhas de pensamento que fizeram a nossa participação no evento possível. Discutimos as relações entre literatura e política, entre arte, formação e ação, entre experiências e práticas de ensino e aprendizagem que bifurcam as escritas e as leituras com crianças, jovens e gente adulta, entre leituras solitárias, compartilhadas, presenciais, virtuais. Interessa-nos explorar o que nos inspira, docentes (ou mediação), a escolher determinado texto, determinado livro, pensando quais microrrevoluções surgem quando as escolhas escapam. Nesse sentido, o conceito de literatura menor dos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari foi ampliado para leitura menor, considerando possibilidades de que nossas escolhas de leitura conectam pensamentos-ações e produzem territórios-fluxos de pensar e vivenciar distintas formas de ser e estar no mundo.

Observamos na redação do nosso texto que não é algo trivial estudar os escritos de Deleuze e Guattari, pois há uma constelação de conceitos entrelaçados, e referências com que pouco ou nada estamos familiarizados, em um pensamento extremamente denso e complexo. Apesar dessa dificuldade, eu e minha orientadora temos nos aventurado nesse estudo, sempre com a intenção de encontrar nessa profusão teórica caminhos para movimentar o pensamento sobre os nossos cotidianos e a nossa lida na educação. Somos docentes e estamos mergulhadas nos muitos níveis – do ensino infantil até a pós-

---

<sup>2</sup> Veja a apresentação na mesa redonda Escrita e Política, disponível no Canal do IX Encontro do GT Deleuze/Guattari: <https://www.youtube.com/watch?v=s0IULxXj0dQ>.

<sup>3</sup> O texto produzido para este capítulo traz ideias e afirmações do artigo que aguarda publicação e que, portanto, ainda não podemos referenciar.

graduação em nossas trilhas.

Esclarecendo um pouco o conceito de menor, explorado principalmente no livro *Kafka: por uma literatura menor*, vale registrar aqui que, nessa obra, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977, 2015) usam ‘menor’ para referenciar a literatura produzida por Franz Kafka, trazendo uma visão completamente nova dessa arte, nas palavras da pesquisadora Anne Sauvagnargues. Na orelha da edição de 2015 desse livro, essa pesquisadora nos lembra que a máquina literária kafkiana é “toca, espaço de habitação, de deambulação e de reserva nutritiva, uma máquina política e experimental que transforma realmente nossas experiências e leva o leitor, assim como a literatura, a caminhos novos” (Deleuze; Guattari, 2015, 1ª orelha). Os nossos filósofos nos ensinam que a literatura menor é aquela que “uma minoria faz em língua maior” e essa língua “é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização” e tudo nela é político, pois, nesse caso, um fato individual faz com que “toda uma outra história se agite nela”, em “agenciamentos coletivos de enunciação” que acontecem quando quem escreve está em condições de “exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade”. Em outras palavras: ‘menor’ qualifica “as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)” (Deleuze; Guattari, 2015, p. 35-39).

Valorizamos esse pensamento na educação, imaginando produções, singularidades, sentidos que se desterritorializam nas/das escritas menores. Além disso, na educação pública, entendemos ser urgente esse escapar, é preciso constelar, a fim de perseguir potências e “constituir modos de existência, inventar novas possibilidades de vida, produzir abalos e experimentar ao mesmo tempo (Deleuze, 1992, p. 120)” (Wunder; Wiedemann; Narita, 2023, p. 259).

Contrariando uma perspectiva educacional que imagina idealisticamente conduzir e levar a chegar ao mesmo lugar e ao mesmo tempo, seguimos desejantes, ao contrário, das microrrevoluções que possibilitam multiplicidades e singularidades, na educação como um campo de elaboração de mundos possíveis, levando a sério o que Deleuze afirmou: “[...] Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender. [...] Aprender é tão somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um a outro.” (Deleuze, 1988, p. 237 e 238). Perseguimos a perspectiva do encontro, atentas aos acontecimentos e às experimentações, por entre caminhos de sensibilidade para quem educa e quem é educado.

O artigo segue explorando experiências com livros na Educação Básica.

Nós nos comprometemos a divulgar junto à coordenação do Curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas do *Campus* Hortolândia essa nossa produção tão logo esteja publicada. As referências dessa produção estão no Apêndice 01.

## EM BUSCA DE PARAQUEDAS COLORIDOS

Ainda com a expectativa de conseguir publicar um artigo para apresentá-lo como Trabalho de Conclusão de Curso, atendemos, em 2023, a uma chamada para um dossiê de um periódico na área da educação que solicitava artigos que problematizassem conceitos do pensador indígena Ailton Krenak no campo da educação. A promessa era que o dossiê seria publicado no início de 2024, mas o texto ainda segue em processo de avaliação.

Sabemos que as universidades e os institutos federais passaram por um movimento paradista em 2024 e isso pode ter afetado os periódicos, da mesma forma como afetou nossos calendários acadêmicos.

De qualquer maneira, podemos contar brevemente que o trabalho enviado explora duas experiências distintas em educação e com leitura a fim de discorrer sobre potencialidades de uma educação singular. Nesse processo, valorizamos o que chamamos de “movimentos que escapam às rotinas engessadas de nossas instituições” e “as possibilidades de abertura”, inspiradas por conhecimentos e soluções suscitadas pela própria curiosidade e interesse de estudantes. “Para tanto, faz-se indispensável uma docência apta a movimento e desejante de deixar falar e ouvir, disposta, inclusive, a atravessar abismos em saltos de paraquedas coloridos.” (Marques; Marques, no prelo)

A ideia de paraquedas coloridos é de Ailton Krenak:

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não faz outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (Krenak, 2000, p. 30).

E nós modificamos um pouco uma outra citação desse autor para defender que há educ(ações) possíveis. O itálico é intervenção nossa – substituímos a palavra original do autor *existência*, por educação: “Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de

ser humano e a um tipo de *educação*. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?” Krenak (2000, p. 57 – itálico indica substituição da palavra existência, original da citação).

No desafio da educação cotidiana, seguimos nesse trabalho explorando um pouco do que aprendemos com as crianças e adolescentes que nos atravessa(ra)m, vislumbrando, nessas experiências, paraquedas que nos ajuda(ra)m a cruzar abismos. As palavras-chave que movimentam o texto são: educação singular, projetos, escrita, liberdade.

Aguardamos a sua análise e esperamos que sua publicação saia no dossiê. A equipe do Curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas do Câmpus Hortolândia será notificada caso essa nossa produção seja publicada. As referências desse trabalho estão no Apêndice 02.

## POEME-SE

*A poesia nasce da pureza, do amor pelas palavras,  
leveza que perdemos com a dureza do tempo.*

Manoel de Barros

Este ensaio traz um percurso de aprendizagem e reflexão sobre crianças, literatura e, mais especificamente, com poesia. Conta de leituras diárias e de pequenos riscos. Explora riscos como espaço para se pensar uma *outra* educação. Escutas e leituras no sentido deleuziano; anarquista, talvez.

O filósofo francês Gilles Deleuze afirma que não é possível saber e controlar como alguém aprende (Deleuze, 2006, p. 237). Assim, durante os momentos de leituras, a criança pode inventar, criar e mover singularidades. Não há métodos para aprender, prever e saber de antemão que forças se movem em uma singularidade. Apenas corremos riscos. Riscos em nada são previsíveis nas leituras de poesia.

Caminhei solitária como professora. Segui por uma docência em que cada qual seguia seu jeito e instinto para aliviar a dureza e a energia consumidas pelas aulas. Mas meu prazer pela poesia me conduzia e sempre me conduziu. São anos de experiência, erros e bons fluxos colhidos. Entretanto, seguia sem orientação específica sobre literatura, e, sobre poesia, menos ainda. Para fugir do engessamento dos dias e dos currículos, levava poesia por onde passei. Isso se tornou bastante claro na escrita deste ensaio. Poesia sempre presente nas minhas aulas.

A obra do poeta Manoel de Barros lembra a importância de educar os sentidos, ler, ver arte, ouvir música, encantar-se pelas coisas, pelas pequenas coisas, em seus poemas. Traz questões das crianças que influenciam, ou poderiam influenciar, a prática pedagógica. As mudanças de ações fundamentais pelas escutas de crianças trouxeram nova dinâmica e belezuras pelas escolas por onde passei.

### **A título de introdução**

Quando iniciei a profissão de professora, seguia por caminhos não previstos nos programas escolares. A leitura nem sempre era bem aceita. Enquanto se exigia caligrafia para as crianças, eu fazia teatro e explorava outras maneiras de contar histórias. Teatro de fantoches, de sombra e personagens feitos com objetos, e dramatização para encantar os ouvintes que pouco ouviam histórias. Naquela época – estou nessa jornada há muito tempo – havia poucos livros para professoras e pouca literatura voltada ao público da

educação infantil. Com um grupo de professoras em uma das escolas, conseguimos levar leveza, como nas palavras de Manoel de Barros, em meio ao caos de um bairro em formação, às escondidas. Escondidas, pois, era considerado ‘perda de tempo’ ler e fazer teatro segundo a orientação pedagógica municipal. A educação infantil era um preparatório para o ensino formal, o primeiro ano. Servia de passatempo e de preparação para ‘posturas de estudante’. Ler só foi possível com livros emprestados e uma certa rebeldia. Devires. O devir, segundo a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), seriam movimentos em processos de desvio das formas estabelecidas de decisão e ação política, e ao mesmo tempo uma abertura à criação de outras formas de pensar e agir, de ser e de estar no mundo, inclusive politicamente. Podemos pensar em uma política que provoca uma micropolítica, em detrimento da macropolítica. Temos que estar atentos para não sermos capturados pela forma estabelecida.

A didática e as estratégias de leitura sofreram mudanças no decorrer dos anos. Enquanto se exigia a leitura dos textos dos livros didáticos para os alunos do fundamental 1, eu solicitava livros outros para as crianças. Pela curta passagem nas escolas públicas estaduais, encontrei a mesma restrição na leitura. Por que vai pegar livros na biblioteca? – perguntou-me uma diretora ao solicitar a chave da sala onde ficavam empoeirados e empilhados os livros sem controle algum. Com muito empenho meus alunos conseguiram acesso à biblioteca. Minha sala era a única da escola com alunos de nove anos que tinham acesso aos livros e podiam levá-los para casa. Parece absurdo, mas vemos até hoje isso acontecer. As crianças irão danificar e estragar todos os livros! – temem as direções das instituições de ensino.

Em escolas particulares, o oferecimento de livros seguia a mesma mentalidade. Estragam! A literatura livre em sala era vista com a mesma percepção: como perda de tempo ou como oferecimento para alunos que finalizassem as atividades da sala antes dos colegas. Quando havia empréstimo, era apenas como leitura obrigatória com cobrança e avaliação. Leitura prazerosa e livre era impensável e considerada uma aversão por uma oposição estética às escolas literárias tradicionais. A leitura era obrigatória e com controle, seguida de avaliação de dois livros por ano escolhidos pela direção no início do ano letivo.

Minha jornada era dividida entre escola municipal infantil e escolas particulares no fundamental 1. Nas duas redes, a leitura seguia obrigatória e controlada pela professora. Percorrer ambientes escolares buscando uma “leitura de mundo”, que comprehende como os indivíduos interpretam e dão significado ao mundo ao seu redor,

era custoso. Sabemos, com Paulo Freire (1996), que cada sujeito revela o trabalho individual constituído no próprio processo de assimilação do mundo. Exige-se filtrar as informações para abstrair a realidade e a complexidade do mundo.

Seguia, com minhas turmas, nutrida pelo filtro da literatura para o desvio. Com literatura era possível provocar os necessários desvios dos recortes, das influências, das mídias e contra os ditames do opressor conservador que nos impede de nos conhecer, escapar ao controle. A literatura ganhava espaços na minha rotina escolar e nas brechas do currículo.

Percorri longo caminho até chegar em uma especialização na área de Literatura. Aqui na Pós-Graduação pude aprofundar conhecimentos e teorias que fundamentavam minha prática. Ao término do curso percebo o quanto me fez refletir sobre minha jornada. Avalio como falha a ausência de aprofundamento sobre literatura no curso de Pedagogia da minha formação. Esse estudo me fez falta. Precisava de teoria e de conhecimentos em minha bagagem. Durante o curso de especialização, falamos sobre a importância da leitura, das lacunas e sua importância ao longo do tempo sem aprofundamentos. Será que mudou? O Currículo Literário nas escolas continua um problema. Mal é discutido e poucos conhecem.

Quando criança, as leituras eram obrigatórias na escola e o gosto pelos livros surgiu após ser livre para escolher minhas leituras. O tempo foi generoso, o espaço familiar favorecia e das minhas escolhas nasceu uma leitora. Deixar as escolhas de livros para os alunos veio desse sentimento. Somos diferentes. O poder de escolher deve nascer e crescer junto com as crianças.

Foi gratificante ler que a literatura “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (Candido, 1989, p. 112).

Antonio Candido, um dos maiores críticos literários do país, afirma que a literatura é um direito tão importante que se iguala às necessidades mais básicas de um ser humano e considera que o direito à literatura é uma necessidade social justamente porque colabora para a formação de cada cidadão. Eu diria ser um direito básico para uma formação contínua do ser humano e um direito fundamental na formação docente nas diferentes disciplinas. A contribuição de Candido vai além, valorizando nossa cultura. Inclui o poético, o ficcional ou dramático em todas as formas culturais, desde o folclore, a lenda, as anedotas e até as formas complexas de produção escritas das grandes civilizações.

A literatura como arte, transformadora, necessária ao homem solicita caminho ao pedagógico. É necessário estender a fantasia, prazer, percepções e ressignificar o mundo e a si mesmo, livre de avaliações ou comentários obrigatórios após leitura.

### **Arte/ Poesia**

Escrevendo sobre meu percurso e refletindo sobre a literatura, percebo a presença singular da poesia em minhas aulas. Enquanto ler poesia aparece como leitura displicente ou ausente em nossas salas de aulas, ler poesia durante as aulas era permitir que as crianças seguissem livres de julgamentos e padrões avaliativos. Criava um espaço poético. A coordenação ignorava as leituras poéticas desde que os livros obrigatórios fossem lidos. Julgavam a prática como inocente.

Ler poesia atua como licença poética e estética livre. Permite percepções outras. A leitura valoriza os seres humanos, traz novos questionamentos, emoções, pensamentos, percepções e fluidez. O trabalho com a poesia que se mune de muitos recursos, se distancia das leituras tradicionais, propicia a apresentação e ampliação dos diversos pontos de vista dos leitores. Portanto, “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono”, como destaca Octávio Paz (1982, p. 15), algo bem distinto de uma prática julgada como inocente.

Colecionei algumas questões desses espaços poéticos. Foram inúmeras questões, reflexões e transformações a partir das falas das crianças, e as questões levantadas e o diálogo entre poesia e crianças nos levaram a experimentações com arte e poesia.

### **Tem poesia no livro?**

A primeira questão começou assim, dúvida das crianças e as minhas. Livro? Tentando superar a pouca demanda, trazia comigo uma pasta com diversos poemas já selecionados e escolhidos como arquivo pessoal. Ao pegar um livro e não uma folha para ler em sala, uma criança de cinco anos indagou “tem poesia no livro?”. Uma pergunta carregada de significados de minhas escolhas.

No desejo de fazer fluir pensamentos fui capturada pelas relações de forças. De acordo com as ideias de Michel Foucault (1997), o poder acontece como uma relação de forças e o pensador francês apresenta dois dispositivos utilizados pela sociedade para a justificação do poder e para a domesticação dos corpos que compõem o espaço social, são eles: vigilância e punição. Foucault afirma que esse poder disciplinar se utiliza de

uma medida máxima do tempo, espaço, vigilância constante e outros dispositivos, tendo o objetivo de produzir o controle e submissão dos indivíduos. Sim, estava exercendo meu poder.

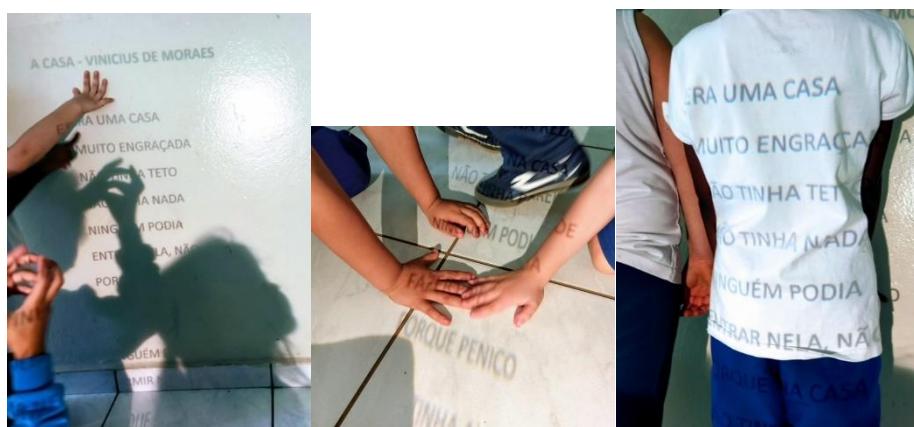
O desconforto da questão movimentou minha prática pedagógica. O que e como oferecemos textos poéticos às crianças? O que elas pensam? Em nossas carências e desafios fui levada pelas palavras e formas de pensar. Notaram a falta de livro, notaram que deixara de indicar o poeta, notaram que deixara de mencionar o livro do qual retirei o poema e desconheciam os motivos que me levaram a escolher, entre tantos, aquele poema. São crianças e merecem saberes libertários que muitos julgam inadequados para a idade. Percebi que merecem e cobram saberes outros quando se permitem suas falas. Mudei com elas e por elas. Desde então, mostro o livro ou indico-o, falo sobre quem o escreveu e apresento a poesia justificando minha escolha.

### **Há outras maneiras de ler poesia? Só tem poesia em livros?**

Como resposta levei uma folha e projetei na parede e chão, em um livro, em uma música, ouvimos poemas escritos por pessoas distintas. Ao ler nós nos esquecemos de outras maneiras de tocar o outro. Existem outros suportes? Unir a poesia/outras artes trouxe novos encantamentos ao grupo. Poesia parecia mágica.

Poemas nos levam a pensar, sentir, dançar e brincar. A sala ouviu, tocou, viu e dançou ao ritmo de poemas. Havia poesia no CD, no DVD e nos livros, claro. Um mesmo poema e mil maneiras de leituras.

**Figuras 01 a 03: Explorando poemas.**



Fonte: Acervo pessoal.

## Onde mora a poesia?

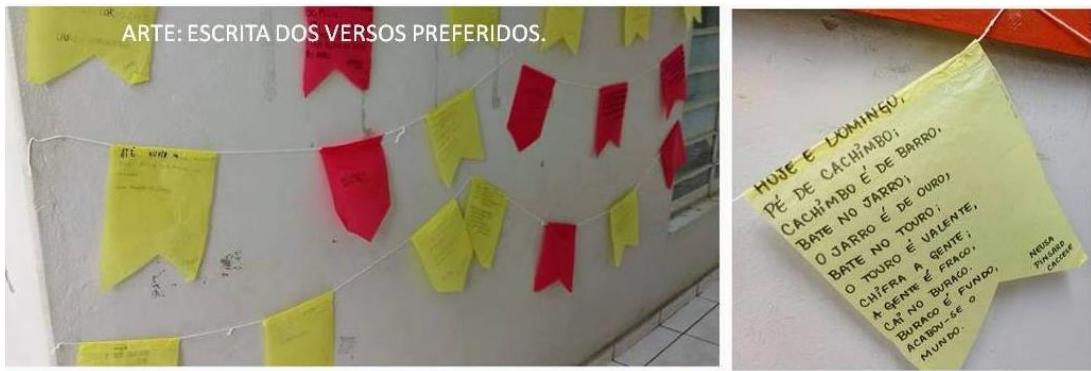
Se só a professora lê e só se ouve poesia na escola, as crianças têm razão, a poesia mora na escola. Como mudar essa prática?

Ler poesia na escola causa estranheza aos alunos no início. É uma novidade. Quando ouvi dos pequenos leitores “só tem poesia na escola?”, foi uma reviravolta na escola onde trabalhava. Movimentei todos. Selecionei e incluímos livros de poesia na biblioteca da sala e encaminhamos para leitura em casa. Permitimos o livre acesso dos livros destinados apenas às professoras. Durante a pesquisa notamos que nosso acervo possuía pouca variedade de livros e principalmente poucos livros para as crianças. Fizemos pesquisa, listamos e levantamos verbas para a compra de outros livros. Uma reflexão impensável na cabeça de um adulto.

Os poemas ganharam destaque e foram levados para casa. “Ontem meu pai leu para mim o poema do jardim”, “Minha vó leu o da bailarina”. Agora tinha poesia na casa de cada uma delas. Fizemos uma instalação poética que agradou a todos e principalmente quem passava pela escola. Cada família escolheu um verso e escreveu em um tecido, uma bandeira e foi fixada nas grades da escola. O tecido e os versos coloriram nossa escola. Com elas surgiram outras maneiras de levar poesia e criar asas para voar para fora das paredes da sala. Foi necessário o envolvimento da equipe da escola, dos pais e da comunidade. Experiências sensíveis reinventaram práticas e reverberam poesia para todos os lados. Perceberam poesia nos muros, no chão, nos quadros, nas paredes da escola e as palavras poéticas ganharam movimento nas árvores e na grade da escola.

**Figuras 04 a 06: Compartilhando poemas.**





Fonte: Acervo pessoal.

“A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”, lembra-nos Nelly Novaes Coelho (2000, p. 27). Mas a pergunta persiste: só na escola? O acesso aos livros continuava um desafio. Os livros continuavam excluídos da vida dos alunos. Embora existam projetos tentando suprir a carência, a realidade diz o contrário. Lemos pouco. As ações precisam continuar a existir, tentando suprir essa demanda.

### Quem faz poesia?

As crianças de três anos perceberam que podiam fazer poesia. Há belezas nas falas das crianças. “Meu quintal é maior que o mundo” de Manoel de Barros propõe comparações díspares. Se meu quintal é maior que o mundo, uma palavra é maior que um poema. Toda palavra dita por alguém tem significado. Ao ser ouvida ganha novos contornos. Ganha vida. A palavra gera encantamento, alegria, tristeza e estranhamento como um poema. Ou uma brincadeira.

Com as crianças brincamos de criar palavras. Bem natural entre elas. Qual a sua palavra? E a criança dizia uma palavra. A escolha de uma palavra por cada uma das crianças de quatro anos ampliou a leitura de mundo, de possibilidades, brincadeiras, hesitação e de desaprendizagem (Pélbart, 2005). As palavras ganharam o mundo...

Seria um caminho para criancear o currículo, um exercício crianceiro. Criancear o currículo com/para/pela criança que “é um campo de vibrações, de contrações e contemplação do mundo” (Amorim, 2013, p.170), é uma aposta. É preciso ler e fazer poesia.

Palavras. Usamos a palavra na Educação Infantil para identificar e nomear tudo. Armário, sala, banheiro, tesoura, cola... etiqueta por todo lado.

E as palavras... têm outra função? Refleti ouvindo inúmeras vezes as palavras das crianças. Adoram falar PUM! CÉU! Pula-pula. Gira-gira. Palavras que só criança entende. Inventadas. As palavras ganham ação. Palavr-ação surgiu desses pensamentos.

Criar palavras fazia surgir novos poetas. Diziam palavras alegres, tristes, coloridas e escuras. As crianças aprenderam a ouvir palavras dos outros. Valorizar, rir, pensar e admirar a palavra dita. Coleccionei palavras e desenhos. Escrevi as palavras e pendurava pela sala, corredor e árvores. Liam, riam e brincavam com palavras. Da coleta montamos um livro. Viraram poetas.

Elas seguiram por um percurso visual da poesia como nos poemas “Despalavra” e “O poeta”, de Manoel de Barros. A literatura deve ser lida como literatura, o que implica a promoção de um olhar sobre a “[...] característica poética da linguagem [...]”, nas palavras de Marta Moraes da Costa (2007, p. 29), e não a leitura como pretexto para atingir uma finalidade utilitária ou pedagógica. Dia alegre para o nosso dia ensolarado. Dia escuro para dias nublados. Árvore de música para os pássaros nas árvores.

## **Poesia**

A leitura de poemas pode ser uma novidade, estranha ou sem sentido. Podemos dizer que há dificuldade de ler em adultos e crianças. Alguns pensam que para ler poesia é preciso realizar interpretações, necessita-se de pré-requisitos e, com defasagens na aprendizagem, isso se torna difícil. A poema é um gênero trabalhado bem menos que os demais. Mas, por outro lado, a poesia é dinâmica, viva e atual. Hoje podemos associar palavra, imagem e som gerando novas interações e ampliando o olhar do aluno. As crianças podem ler, ver e ouvir poetas “declamando” seus poemas. Ouvir é muito marcante e dá vida nova à palavra.

A ideia de que é difícil compreender um poema afasta docentes e crianças. Contudo, ler desde cedo poesia pode modificar e transformar essa visão. A poesia deveria seguir seus próprios caminhos: afastar-se da ideia de diversificar a rotina com poesia e criar momentos para incluí-la na rotina; ler poesia com ou sem sonoridade, com o sem ritmicidade; com ou sem rimas, jogos de palavras, trocadilhos ou ambiguidade. Ir além do pedagógico e da associação de palavras novas, objetos e personagens. Criar e permitir conhecer um universo de descobertas aos leitores.

## Teoria e Poesia

Sabemos que, lendo ou aproximando-se do texto literário, “[...] a criança estará formando o modo de pensar, os valores ideológicos, os padrões de comportamento de sua sociedade e, em especial, estará alimentando seu imaginário” (Costa, 2007, p. 27).

As crianças necessitam igualmente conhecer os componentes culturais e discursivos de grupos diversificados; formar ou desenvolver repertório que provoque curiosidade, sentido de descoberta, desfaça pré-conceitos e faça pensar.

Elas são subestimadas em seu potencial de desenvolvimento de competências leitoras multimodais e multiculturais. A equipe docente seleciona livros e leituras para as escolas e exclui diferentes etnias. Deveria recordar que, pela leitura de diferentes textos e de povos distintos, são desenvolvidas as competências citadas no parágrafo anterior. As crianças e jovens não devem ser subestimados em seu potencial. Devemos favorecer a diversidade.

A poesia para crianças pode ser oferecida na escola livremente, mediada pela professora ou outros adultos quando solicitada no início da escolarização. Com mediação oferecemos a leitura de poesias para as crianças e com as crianças (Bargas, 2023). Permitir acesso aos livros, ouvir seus interesses e escolha pelos livros, contar, dramatizar, declamar e fazer uso de outras linguagens favorecem e despertam o gosto pela leitura de maneira geral.

As experiências de leituras de livros de poesia são significativas, acentuam, aguçam a vontade de ler, movimentam o acervo e levam a novas listas de livros para reposição ou compra nas escolas. A necessidade deve ser relatada pelos professores.

Atualmente há uma enorme variedade, diversidade de autores e autoras, bem como de artistas nas ilustrações de obras da literatura infantil. A ilustração provoca interesses nas crianças. Por outro lado, leituras de livros sem ilustração abrem possibilidades e imaginação. Crianças não alfabetizadas interagem com textos verbais e imagéticos. Trabalham o sensível (Rancière, 2009).

Dicas de postura, plasticidade e manifestações do mediador durante as leituras despertam curiosidades. No mesmo modo, um momento de leitura sem gestos valoriza a palavra escrita. Na leitura para as crianças e em grupo ocorrem manifestações constantes. Ler antecipadamente, aceitar as intervenções, incorporar as ideias durante a leitura propicia experimentações e interações interessantes. Estar aberta para a escuta de como a leitura afeta quem a experimenta transformou minha visão e prática na escola.

Os diferentes ambientes utilizados para a leitura e principalmente a biblioteca precisam ser assumidos como espaços de socialização e de escolhas. Saber variar gêneros possibilita que as crianças venham a diferenciá-los e apreciá-los, desenvolvendo seu gosto literário. Existem outras tantas maneiras de agir, mas o importante é ler. Cada turma tem seu caminho e desejos.

### **Um percurso norteado pela leitura**

Uma escola em especial me encantou pela leitura, arte e currículo aberto ao protagonismo infantil: a Escola do Sítio Faz de Conta. É uma escola particular dos anos 70, que surgiu como uma prática alternativa de metodologia. Comemora seus 45 anos de existência com mudanças significativas.

Retomo aqui a experiência com uma turma do quarto ano. A leitura de poesia perdurou o período letivo. Os poemas geravam comoção entre as crianças de nove anos. Lia poesia um dia na semana. Depois seguimos lendo diariamente por mim ou pelos alunos.

Na escola era comum a leitura no início das aulas em todas as salas de todas as turmas em diferentes disciplinas. Uma leitura era escolhida durante reunião de professores indicada pelos pares. Cada sala tinha seu livro. Ao término de um se iniciava outro. Uma leitura feita por capítulos. A leitura durava de dez a quinze minutos diariamente, um exercício extremamente importante para formação de futuros leitores.

As crianças ouviam e liam frequentemente. Trocavam livros entre elas. Liam nos intervalos, na sala e pelos espaços da escola. Valorizávamos toda leitura na sala. Tudo era importante. As poesias que sempre li como rebelde era vista como especial. E foi ganhando força durante o ano. Continuei aprendendo com as crianças a potência da poesia.

As diferentes linguagens aconteciam de fato. Havia um caderno para projetos, desenhos e reflexões para cada criança. Um caderno livre. Durante uma das leituras, observamos que o livro trazia ilustrações em aquarela. Experimentamos. A aquarela e poesia caminharam juntas. Disponibilizamos aquarelas e papéis em um local da sala.

A escola trazia uma organização curricular a partir de um objeto disparador apresentado pela professora da turma e escolhido em equipe com conceitos organizados<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Para conhecer mais sobre a experiência e as produções dessa escola, recomendamos o livro *Experimentações, leituras, projetos*, escrito por suas professoras, com organização de duas delas Fernandes e Romaguera (2015).

Nosso disparador do ano foi uma almofada aromática. Quando apresentamos aos alunos, esses objetos funcionam para gerar ideias, questões e temas que serão aprofundados. Ao longo do ano os temas seguem ampliando-se, dependendo do caminho escolhido e do interesse da turma.

Costurei uma almofada em formato de folha e, como aroma, selecionei lavanda. Com ela as crianças levantam hipóteses, ideias e ações a partir do objeto. Eu projetara um caminho pelos aromas, coletas, diversidade de aromas e plantio. Mas o grupo seguiu pela forma: a folha. No início seguimos observando e coletando folhas pela escola. Aprendemos sobre a diversidade e meio ambiente fundamental para a vida e nela nos descobrimos. Folhas diferentes para ambientes diferentes. Áreas verdes, proteção, desmatamento, ambientalistas, matas próximas, vida ao redor, observadores da natureza, o belo, encantamento...

O trabalho do 4º ano coordenou texto e contexto para atribuir sentido às práticas de escrita e de leituras. Aproveitamos as leituras de roda para enriquecer, desenvolver, buscar informações e socializar nossas experiências. A leitura era constante. Havia livros informativos para pesquisa. Havia o livro da turma lido do início das aulas. A poesia era lida semanalmente. Cada livro apresentado instigou uma produção única.

Selecionei um poema e desejava que fosse escolhido como livro do semestre. Nele a poetisa observava da janela de seu quarto e tudo o que via eternizava em seus poemas. As crianças ficaram intrigadas com a autora primeiro. Um dos livros que encantou o grupo foi a leitura de *Um livro de horas*, coletânea de poemas de Emily Dickinson, de seleção, tradução e ilustração de Ângela-Lago. Listei como livro do semestre para a turma. A coordenação sugeriu outro. O motivo: era bilíngue e recomendara um livro de narrativa. O livro foi considerado inadequado e complexo para a faixa etária. Mas poderia ser lido no início das aulas. A justificativa levantou questões sobre seleção de livros. Quais seriam adequados? Quais idade? Quais leitores? Essas questões norteiam nosso dia a dia docente. Quem julga?

Na apresentação do livro e durante a sua leitura, surgiram sensações que atravessaram o ano letivo.

Logo no começo, Ângela Lago escreve que costumava declamar poemas em momentos de aflição. “Desde menina costumo declamar poesias na hora de aflição. Deus, que vive em toda parte, lá no fundo de mim, escuta. E me dá de imediato o conforto da beleza”. Houve pausa ao pensarem na palavra aflição.

O que mais incomodou a turma formada por uma maioria de meninas foi saber da vida da autora e como se vivia na época em que escreveu. Demandou pesquisas sobre mulheres e descobriram que a presença de mulheres poetas é abafada. Em outras áreas também.

Depois da leitura do poema Ofertório, surgiram estas produções:

Eu tenho tudo para oferecer:

Amor, carinho.

Isto é tudo que eu tenho para oferecer. (Vinicius)

Ofereço a amizade,

a ajuda aos amigos e

bolachas de amor. (Yasmin)

Também ofereço minha bondade

Minha suavidade.

Isso além dos pássaros a cantar e as

Lindas borboletas a voar! (Sofia)

A árvore faz a sombra,

A chuva que molha e

Limpa você. (Thaís)

Posso oferecer plantinhas ao planeta

Como um pé de feijão

E um pé de girassol. (Daniel)

Eu posso dar

Amor e carinho

Para os animais

E aos velhinhos. (Daniella)

Posso oferecer minhas palavras

Minha felicidade,

Minha paixão. (Ana Carolina)

Deu para perceber  
Que não tenho muito a oferecer  
Mas o que puder fazer  
Agradecerei. (Luísa)

Posso oferecer meus pensamentos  
Meus pensamentos de outra dimensão  
Meus pensamentos malucos  
E por fim os pensamentos  
Que vão e voltam de minha cabeça. (Ana Mae)

O que posso ajudar?  
Rindo para as pessoas  
oferecendo amor  
e carinho. (Antonio)

posso oferecer  
minha ajuda. (Gabriela)

posso ser carinhoso  
com as pessoas. (Brenno)

o que passou  
posso compartilhar com quem quero.  
Mas o que me dói,  
Compartilho com quem me vê. (Clara)

Com as poesias expressamos os nossos pensamentos, sentimentos, identidades...

Nada  
Fico sem fazer nada  
Até alguém me dar

Um nada.  
Fico feliz com meu nada.  
Mas não posso  
Fazer nada.  
Dias no meu nada  
Fazendo nada.  
Nada na vida.  
Nada na minha ilha. (João)

A estação tem muita neve.  
Como ficou o tempo?  
Você tem muito tempo  
Para brincar na neve.  
O coelho da neve  
Ficou estátua  
A Luci fez um boneco de neve. (Sem identificação de autoria)

As folhas que crescem e avançam pelo caminho são como nossos poetas e poetisas que voaram em aquarelas e poemas serão lembrados com a edição do calendário da Escola do Sítio. Quanta emoção! Durante o ano perseguimos nossas folhas...

O vento leva  
as folhas de nossa cabeça. (Rebeca)

Percebemos e sentimos a natureza e as ensinagens ocorreram pelas percepções infantis com crianças encantadas pela magia, a arte, por se perceberem capazes.

Com a leitura do livro *Uma floresta de histórias*, de Rina Singh e Helen Cann, as crianças escreveram seus próprios contos e assim surgiram os Galhinhos de histórias do 4º ano. A leitura e releitura para perceber a pontuação, organização das ideias, expressões de temporalidade, causalidade e muito mais, se deu com esse desafio proposto por eles mesmos. Aprimoramos o rascunho refletindo sobre nossa língua escrita, as regularidades ortográficas e os recursos da linguagem.

Com o livro *Rubens, o semeador*, de Ruth Rocha e ilustração de Rubens Matuck, conhecemos histórias de pessoas especiais que se dedicam às causas ambientais.

Pesquisamos Rubens Matuck e Sebastião Salgado. Sentimos estranheza e beleza na nossa dura realidade. Surpresa e descobertas.

Levados pelo vento, feito folha, refletimos sobre algumas questões ambientais que colaboram para a compreensão do mundo e de suas transformações. E entendemos o homem como indivíduo participativo, que se percebe enquanto integrante do ambiente. Utilizamos como recursos de aprendizagem observação, comparação, curiosidade, respeitando diferentes opiniões. Desenvolvemos habilidades de representação, integração e exercitamos a nossa responsabilidade.

A escrita, ortografia e interpretações de informações durante as leituras em jornais favoreceram a escrita de legendas nas imagens de Sebastião Salgado. Estudo sobre localização, movimentação de pessoas pelo espaço, descrição, dimensão de espaços e percepção de tamanho e forma fundamentaram nossas pesquisas na história da cidade: Cadê a mata que estava aqui? Resultou no nosso último registro coletivo do ano.

Esperando conhecer um jardim botânico com estufas, jardim, amor pelas pesquisas e herbário conhecemos o Plantarum em Nova Odessa. Após a visita e dicas montamos nosso herbário. Finalizado o herbário de folhas da escola, ele foi doado para a biblioteca da escola. Foi um ano de intensa produção.

A leitura era diária e a poesia estava presente. Ao ler o livro *Caligrafia de Sofia*, de André Neves, nasceu o gosto por compartilhar poemas. A primeira carta enviei para cada aluno em suas casas. A surpresa animou e motivou. Cada um escolheu um poema para cada aluno da sala. Os papéis de carta retornaram e encantaram as escritas. Escolhiam os poemas e conheciam tantos outros poetas. Leram ferozmente. Todos os dias o recebimento de uma carta para troca era um momento mágico. Um dia solicitei que o carteiro entregasse as cartas e a surpresa fez brilhar o dia.

Contamos com a ajuda de professores especialistas durante o ano como Amanda, contadora de histórias; Aparecida, professora de ciências que no laboratório nos mostrou que há vida em uma folha; Ludmila, professora de geografia que nos mostrou vida no sertão; Eduardo Nadai, aquarelista que nos mostrou que a vida pode ser colorida com aquarela.

Entre folhas, galhos e árvores iniciamos e finalizamos o ano movido por escritas e leituras. Aproveitamos leituras de roda para nossos estudos. Ao se aproximar o final do ano, a ideia de montar um livro ou calendário com os poemas. Optamos pelo calendário com aquarelas e poemas. Dedicamos tempo para ideias, pinturas, escritas, correções e elaboração. Cada mês do aniversariante levava seu poema. Na concomitância optaram

em acordos. A capa foi escolha do grupo. Muita produção encantadora. As aquarelas no final do ano esbanjavam levezas. Com a exposição de aquarelas, leituras de poemas e apresentação do calendário finalizamos o ano.

Na montagem do calendário podemos observar os diferentes conteúdos abordados ao longo do ano e a poesia marcante da turma. As aquarelas e seus poemas deixaram suas marcas. Sim, poesia é necessária. A sensibilidade se superou. A poesia irradiou conhecimentos, reflexões e a importância que cada um tem no mundo. Agradeço o ano e os encantamentos que a turma me proporcionou.

Seguem as imagens do calendário.

**Figuras 07 a 27: Calendário 2011. Acervo pessoal.**



## Dois mil e onze

Fonte: Acervo pessoal.



Encantar-se

A realização deste calendário desvela o quanto as crianças deixaram-se tocar pela poesia e pela leveza da aquarela.

É uma mostra do que fizemos juntos, lendo, escrevendo, pintando, rindo, no processo de nos conhecermos uns aos outros.

Evidencia também parte de conhecimentos experimentados e vivenciados por mim e pelas crianças no ano de 2010, um aprendizado que animou a todos e que deixará os dias por vir mais coloridos.

A todos que se predispuaram a nos ajudar e viabilizaram a realização deste calendário nós agradecemos.

Encantem-se conosco!

Professorª Ivânia Marques  
Alunos e Alunas do 4º ano da Escola do Sítio

## Águas

As águas são azuis,  
verdes ou cristalinas  
como a vida.

Nas correntezas das águas  
vivem peixes no rio.

No rio vivo  
perto das vegetações  
vivem outros animais.

João Miguel Kojin Diniz



## Janeiro

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31  
S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S

## A paixão do vento

Numa grande árvore,  
o vento leva  
as folhas secas  
e balança as folhas novas.

O vento assopra nos galhos,  
onde tem vários passarinhos  
em seus ninhos.

O vento acompanha os pássaros  
que os levam até o chão.  
Lá as grossas raízes o abrigam com paixão.

Ana Carolina Fidélis Fonseca



## Fevereiro

1	2	3	4	5	<b>6</b>	7	8	9	10	11	12	<b>13</b>	14	15	16	17	18	19	<b>20</b>	21	22	23	24	25	26	<b>27</b>	28
T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S

## Bichos do Brasil

Jaguatirica, tucano, anta, boto,  
cotia, arara, caxinguelê,  
capivara, chipanze, mico-leão, jacaré,  
sapo, coruja, peixe, jabuti, tartaruga.

São todos bichos  
bichos do ar  
bichos da terra  
bichos do mar e do rio.

São todos bichos  
Bichos do Brasil.

Luisa Nunes de Oliveira Baffi



Março

1	2	3	4	5	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	9	10	11	12	<b>13</b>	14	15	16	17	18	19	<b>20</b>	21	22	23	24	25	26	<b>27</b>	28	29	30	31
T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q

### O Vento Minhas Araras

O vento bate entre as folhas de uma árvore  
onde embaixo estou sentada,  
vendo as nuvens que o vento leva. Meus pensamentos são azuis,  
vermelhos, amarelos, brancos e verdes.  
coloridos como araras.

Olho para cima, Têm corpo, asa e bico  
vejo as folhas se debatendo contra os galhos meus pensamentos são araras.  
vejo o tempo passar,  
folhas a cair,  
vento a sentir.

Clara Couto Anido



Abril

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S

Semente

Uma semente  
terra seca  
a chuva vem.

O tempo passa  
a semente brota.

Surge um girassol!

Vinicius de Freitas Azola



Maio

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31  
D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T

A borboleta

A borboleta  
voa pelo ar.

Quando anoitece  
ela pousa  
numa árvore.

As borboletas coloridas  
dormem todas juntas  
e deixam a árvore  
mais bonita.

Daniella Beatriz Lopes de Sousa



Junho

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q

### A vida na mata

Na mata, quando anoitece,  
A arara adormece.

Ao ver o luar  
O sapo começa a coaxar.

A onça a caçar,  
mas sem rugir,  
a anta começa a fugir.

Mas quando amanhece  
a mata agita  
chimpanzé grita  
cigarros cantam  
passaros voam.

É assim a mata,  
sempre diferente  
Às vezes, quente.  
Às vezes, fria.  
Dá até calafrio!  
Há animais e plantas.

Eu vi nessa vida querida...  
Mata não se mata!

Sofia Yumi Carvalho Koyama



### Julho

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D

### As estações

No inverno  
As flores murcham  
Os animais  
Guardam comida.

No verão  
As flores desabrocham  
Os animais saem das tocas  
para procurar alimentos.

As estações modificam  
As paisagens.

Antonio Pedro Saghian R. Lopes Stchombel



### Agosto

1	2	3	4	5	6	<b>7</b>	8	9	10	11	12	13	<b>14</b>	15	16	17	18	19	20	<b>21</b>	22	23	24	25	26	27	<b>28</b>	29	30	<b>31</b>
S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q

## A natureza

A primeira vez  
que eu vi uma flor  
tinha uma abelha.

Na abelha  
tinha listras  
pretas e amarelas.

As listras amarelas  
lembram-me o  
sol amarelo.

E o preto me lembra a noite  
com estrelas  
a brilhar no céu.

Yasmin Morrison



## Setembro

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	D	S	T	Q	Q	S	

### A primavera

Uma flor se abre  
Na primavera  
Outra se fecha  
No outono,  
E no inverno  
Não há flor,  
Não há nada,  
Só a neve, neve branca,  
Neve fria, só há neve clara.

Passa-se um tempo  
O verão chega  
Derretendo a neve clara  
E trazendo consigo o ar quente e o  
Már fresco.

Passam-se os dias  
De sol e chega  
Novamente a primavera  
E começa a florir  
Novamente.

Ana Mãe Kawkami



### Outubro

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S

## Mata Atlântica

Na Mata Atlântica cantam  
o sabiá, o sanhão e o bem-te-vi  
o dia inteiro.

Quando chove os passarinhos brincam  
entre as folhas das árvores.

Na Mata Atlântica  
há bastante árvores  
e pássaros em extinção.

Os pássaros se sentem à vontade  
nessa bela paisagem.

Brenho Levi Martins



## Novembro

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q

## Arara Azul

Na mata  
uma arara azul  
voa para o sul.  
No meio do caminho  
que surpresa  
um redemoinho!

Volta para terra  
para beber água  
agora está pronta  
para voltar ao seu bando.

Daniel Alexandre Nakamura Latorre



## Dezembro

1	2	3	<b>4</b>	5	6	7	<b>8</b>	9	10	<b>11</b>	12	13	14	15	16	17	<b>18</b>	19	20	21	22	23	24	<b>25</b>	26	27	28	29	30	31
Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S

Eu vou gostar!

O vento carrega as folhas  
Da nossa cabeça  
Das nossas árvores  
Do nosso planeta.

Eu vou gostar!

Rebeca Avelino Laranja



Janeiro/2012

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31  
D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T

Acontece

Águas caindo  
da cachoeira.

Peixes só  
na diversão.

Onças caçando  
para comer.

Aves voando  
para ver onde pousar  
e descansar.

Acontece na natureza  
bichos caçando  
bichos fugindo.

Roger Farias de Souza



Fevereiro/2012

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q

Novo dia

Vento batendo  
pássaros voando  
amanhecer na mata.

Um novo dia  
e os bichos saíndo  
para conhecer novas plantas.

Toda hora é hora de  
um novo dia para a vida.

Luciano Prado Silveira



Março/2012

1	2	3	<b>4</b>	5	6	7	8	9	10	<b>11</b>	12	13	14	15	16	17	<b>18</b>	19	20	21	22	23	24	<b>25</b>	26	27	28	29	30	<b>31</b>
Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S	<b>D</b>	S	T	Q	Q	S	S

Fiz uma floresta

Fiz uma floresta  
Com árvores  
Passarinhos  
Folhas caindo  
E bichos como  
Macaco e onça.

Rafael Aparecido da Silva



Abril/2012

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S

Posso oferecer

Posso oferecer  
o meu jardim florido,  
meu pôssaro cantor,  
a borboleta esplendor,  
o sapo jardineiro,  
o cachorro cozinheiro,  
a folha cantora,

a flor compositora,  
o vento refrescante,  
o elefante gigante,  
a árvore que faz sombra,  
e a chuva que molha e  
limpa você!

Thaís Cunha Marchetti



Maio/2012

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q

Minha floresta!

Árvores  
Galhos  
Minhocas  
Passarinhos voando  
E piando muito.

Minha floresta!

Gabriela Thieni Kimura



Junho/2012

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30  
S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S D S T Q Q S S

### Por que falar de poesia?

Em diferentes momentos a poesia permaneceu presente em minha prática docente. Nas reflexões durante o texto, a poesia ganhou contornos diferentes.

Ler poesia é sobre a necessidade de se resgatar o gênero lírico na escola que alimenta e deixa manifestar a essência humana. Cada palavra e verso toca cada criança

de um jeito único. Esquecida e ignorada pelas orientações pedagógicas, compunha um cenário possível.

A escolha dos temas e seu uso didático migraram para o entendimento de que os interesses são diversos e interagem com o conhecimento de mundo e alguns buscam compreender o que o poeta diz com o repertório que possuem. Somos produtores de nossa própria cultura e história. Temos o dever de ler tudo para todos.

Se somos formadores de leitores outros, devemos desafiar nossos leitores acostumados e estagnados, oferecendo-lhes leituras libertadoras de sonhos.

Trocar palavras desconhecidas por palavras conhecidas, prática escolar regular que ‘facilita’ e evita inquietação, deixa de transformar as palavras especiais e novas em comuns. Carecemos de ampliar o vocabulário de nossas crianças.

Levar a poesia à categoria de arte e gerar inquietação e novas perspectivas é o nosso desafio. A arte tentando movimentar o real. Poemas que julgamos inadequados diante de nossa visão podem atrair leitores. A sensibilidade muda pensamentos e atitudes. Amplia visões de mundo. Cria singularidades. Traz novas possibilidades de significado da linguagem poética. O poema nos atravessa e de formas únicas. Cria comparações e gera reflexões.

“Quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada” (Orlandi, 2004, p.59). O encontro com a poesia pode superar o nível médio de leitura. Com leitores mais questionadores e críticos encontramos na palavra a força para a nossa transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Estas referências são do ensaio **Poeme-se**

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de; PRIOLI, João P.; VERNIN, Laura R. S. Curriculê, curricular. In: MORGADO, José C.; SANTOS, Lucíola L.C.P.; PARAISO, Marlucy A. (Org.). **Estudos Curriculares: um debate contemporâneo**. Curitiba: CRV, 2013. p. 105-117.

BARGAS, Amanda Marques de Oliveira. **Os livros, a professora e a criança: percursos de mediação e (trans)formação de gente leitora**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, Hortolândia, SP, 2023.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: Teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

DICKINSON, Emily; LAGO, Angela (tradução). **Um livro das horas**. Edição bilíngue. São Paulo: Scipione, 2007;

FERNANDES, Renata Sieiro; ROMAGUERA, Alda (Org.). **Experimentações, leituras, projetos**. Americana, SP: Adonis, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NEVES, André. **A caligrafia de Sopia**. São Paulo: Paulinas, 2006.

ORLANDI, Eni P. O inteligível, o interpretável e o comprehensível. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. **Leitura**: Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PELBART, Peter Pál. Solidão, fascismo e literalidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, 1323-1329.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400013>.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível. Estética e Política**. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCHA, Ruth. Aquarelas de Rubens Matuck. **Rubens, o semeador**. São Paulo: Salamandra, 2015.

SINGH, Rin. **Uma Floresta de Histórias**: Contos de Árvores Mágicas do Mundo Todo. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2013.

## APÊNDICE 01

Referências da submissão **Entre movimentos políticos e escritas menores** (no prelo)

AMORIM, Antonio Carlos R. de. Deslocamentos entre currículo e estudos de cinema experimental. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1025-1043, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12238>. Acesso em: 23 jul. 2021.

BARBIERE, Stela; VILELA, Fernando. **Quero colo**. São Paulo: Edições SM, 2016.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COUTO, Mia. **A água e a águia**. Ilustrações de Danuta Wojcechowska. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva, com revisão de Luiz B. L. Orlandi. 2. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

EMICIDA. **Amoras**. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

LEE, Andy. **Não abra este livro... Novamente**. Ilustração de Heath Mackensie. Tradução de Ana Cristina de Mattos Ribeiro. Gaspar, SC: Happy Books, 2019.

MARQUES, Davina. Literatura como máquina de guerra. **Letras**, n. 38, p. 23–32, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11993>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos R. Aforismos para um educar, entre imagens e palavras *In: CARVALHO, Janete M.; SILVA, Sandra K. da; DELBONI, Tânia Mara Z. G. Currículos e artistagens: política, ética e estética para uma educação inventiva.* Curitiba: CRV, 2022. p. 263-279.

PARAGUASSÚ, Fernanda. **A menina que abraça o vento:** a história de uma refugiada congolesa. Ilustrações de Suryara Bernardi. Curitiba: Vooinho, 2017.

PORTI, Antoniette. **Não é uma caixa.** São Paulo: Cosacnafy, 2013.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Scholastique Mukasonga não quis escrever livros sobre o horror, mas ele está em todo lugar. **O Estado de S. Paulo**, Caderno 02, 30 de junho de 2018. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/scholastique-mukasonga-nao-quis-escrever-livros-sobre-o-horror-mas-ele-esta-em-todo-lugar/>. Acesso em: 18. out. 2023.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

VILELA, Fernando. **Lampião & Lancelote.** São Paulo: Cosacnafy, 2006.

WUNDER, Alik; WIEDEMANN, Sebastian; NARITA, Miki. Dessaturações da razão e do humano: cultivando céus vacantes para terras e naturezas por vir. *In: MARDONES, Patricio Landaeta; AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de (Org.). Afectos y Visibilidades Comparadas entre Chile y Brasil.* Santiago de Chile: Metales Pesados, 2023. p. 259-273.

## APÊNDICE 02

Referências da submissão **Em busca de paraquedas coloridos** (em avaliação)

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2002. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FARIA, Ana L. Goulart de; MELO, Suely A. (Org.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas/SP: Autores Associados, 2007.

Organizadora1; Organizadora2 (org.). Referência excluída para evitar identificação no momento da avaliação da submissão.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. 5. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

JUNQUEIRA, Luís. Entrevista para a BIBLIOO. Primeiro Livro: desafio de empreender um projeto em educação. 11 de novembro de 2015a. Disponível em: <https://biblio.info/primeiro-livro/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

JUNQUEIRA, Luís. Primeiro livro. Apresentação do projeto no YouTube, de 15 de setembro de 2015b. Disponível em: [https://youtu.be/7\\_Qg\\_gMK5Y](https://youtu.be/7_Qg_gMK5Y). Acesso em: 09 dez. 2023.

JUNQUEIRA, Luís. Primeiro Livro. Palestra no TEDx Talks de 10 de novembro de 2016. Disponível em: <https://youtu.be/qoHnKqRc55k>. Acesso em: 09 dez. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARQUES, Davina. Dos intermezzos ou “o que foi que aconteceu?”. **Coletiva - Educação e Diferenças e...,** n° 21, n. p., 2022. Disponível em: <https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencias-e-n21-dos-intermezzos-ou-o-que-foi-que-aconteceu-davina-marques>. Acesso em: 10 ago, 2024.

MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Entre pensamentos sobre pesquisa e extensão, (des)dobramentos curriculares. **Revista Teias – Dossiê É “sobre” ser professor(a): poéticas/pruridos de anunciação da formação docente nas políticas curriculares**, v. 23, n. 71, p. 42-55, out./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.70228>.

MARQUES, Davina; MARQUES, Ivânia; SARRAIPA, Ludmila Alexandra dos Santos. Por uma perspectiva transversal: conhecendo e produzindo o mundo em imagens. **ETD** - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 226–254, 2010. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v11i2.892>.

SOARES, Magda B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2004.

ROCHA, Ruth. **Mil pássaros pelos céus**. Ilustrações de Rogério Coelho. São Paulo: Salamandra, 2009.

# Documento Digitalizado Público

## Trabalho de Conclusão de Curso

**Assunto:** Trabalho de Conclusão de Curso

**Assinado por:** Davina Marques

**Tipo do Documento:** Dissertação

**Situação:** Finalizado

**Nível de Acesso:** Público

**Tipo do Conferência:** Documento Digital

Documento assinado eletronicamente por:

■ **Davina Marques, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 30/09/2024 12:02:47.

Este documento foi armazenado no SUAP em 30/09/2024. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifsp.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

**Código Verificador:** 1800737

**Código de Autenticação:** 359811713b

